

Superação

Manise Savah, 45 anos, haitiana

O terremoto que devastou o Haiti em 2010 foi implacável com Manise Savah. Após perder vários parentes com abalo sísmico, ela deixou o país em 2014. “Estava muito difícil para mim morar lá”, relembra, emocionada. A viagem até o destino final foi longa, ela precisou passar pelas fronteiras do Peru e Equador até chegar ao Acre, onde foi recebida em um abrigo.

Mãe solo, a haitiana veio acompanhada da filha — que tinha 8 anos à época — para construir uma nova vida. O primeiro estado em que as duas moraram foi o Rio Grande do Sul, nas cidades de Flores da Cunha e Caxias do Sul. Lá, Manise trabalhou em uma loja de móveis e informalmente como cuidadora de idosos.

Depois, em Goiânia, Manise conseguiu ter a carteira assinada como cuidadora de idosos. Durante os três anos que morou no estado, nasceu um novo integrante da família. Ainda mãe solo, Manise precisa se virar para dar uma vida digna aos filhos e, para isso, abre mão até de noites

de sono. Porém, mesmo quase sempre muito cansada, ela se empolga falando das conquistas dos dois rebentos. A filha mais velha, com 18 anos, faz faculdade na Universidade de Brasília (UnB). Já o filho de 6 anos terminou, no final do ano passado, a pré-escola.

“Eu me esforço para os meus filhos viverem bem, para não passarem a dificuldade que eu passei na minha vida. Eu me esforço muito, muito, muito. Quase não durmo porque trabalho à noite, um dia sim, um dia não”, relata a haitiana, sempre com um sorriso.

Manise é enfermeira com experiência em hospitais e na organização Médicos Sem Fronteiras, no Haiti. Mas, desde que chegou ao Brasil, não consegue atuar em sua área. A atividade mais



próxima, até o momento, é como cuidadora de idosos — ofício que é sua principal fonte de renda em Brasília.

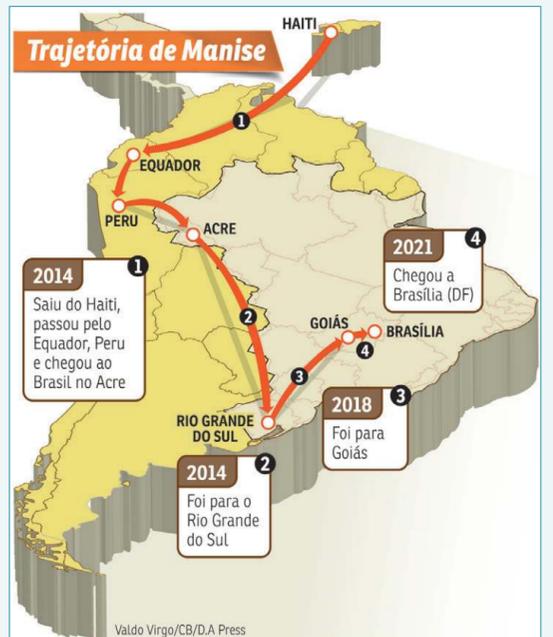
“Eu trabalhava no hospital, mas cheguei aqui e não dá para trabalhar na minha área. Agora estou fazendo o curso de novo. Estou fazendo o Técnico em Enfermagem, porque acho muito tempo passar cinco anos estudando de novo (o mesmo curso)”. Neste ano (2024) eu termino”, revela, aliviada, a haitiana. Ela diz que tentou revalidar o diploma de seu país, mas que havia muitas lacunas na documentação necessária e que o processo é caro.

A legislação prevê que diplomas estrangeiros podem ser revalidados por universidades públicas brasileiras, que possuem o curso superior correspondente. Para isso, é necessário pagar

uma taxa de, em média, de R\$ 2.500 — o valor varia por instituição de ensino. A espera longa para a finalização do processo também é um empecilho. O próprio site de revalidação dos diplomas estrangeiros, o Carolina Bori, aponta problema histórico no funcionamento do processo. “Não foram poucos os processos de validação que poderíamos definir como processos de trâmite de duração longuíssima, realizados em prazos inaceitáveis”, diz o texto.

Assim, para obter um certificado de Técnico de Enfermagem, a haitiana se desdobra em várias atividades, conciliando horas de estudo com o trabalho de cuidadora de idosos, os cuidados da casa e diversos cursos.

Na longa jornada que a trouxe para o Brasil, os desafios servem de motivação para ela manter uma rotina acelerada. Pessoalmente, o desejo de trabalhar com a enfermagem é pulsante. Ela comemora que, neste ano, deve iniciar as aulas práticas e, a partir de maio, os estágios.



Para os meus filhos viverem bem, para não passarem a dificuldade que eu passei na minha vida. É para isso que eu me esforço”

Manise Savah, haitiana



Quando a gente está em um país estrangeiro, tem que se esforçar porque você tem que pagar aluguel, comprar comida, se cuidar”

Nádia Duvert, haitiana

Nádia Duvert, 43 anos, haitiana

A busca por melhores condições financeiras fez Nádia Duvert, 43 anos, deixar o Haiti, junto com o marido, em 2010. Ela conta que saiu pouco tempo antes do terremoto daquele ano, que destruiu o país em que morava.

O primeiro destino do casal haitiano foi a Venezuela. Nádia e o marido ficaram por três anos. “Quando cheguei na Venezuela, posso falar, não recebi nada de ajuda. Eu não tinha dinheiro”, recorda a haitiana.

Nádia presenciou, enquanto estava na Venezuela, mais uma crise política e social. Com a morte do então presidente, Hugo Chávez, em 2013, conflitos pelo poder se instauraram no país. Foi então que, junto ao marido, cruzou a fronteira para o Brasil em Manaus, no Amazonas.

“Quando entrei na fronteira da Venezuela com o Brasil, eu não sabia nem como falar que precisava de banheiro. Só fazia gesto. Perguntei para quatro pessoas, até entenderem que

eu precisava ir ao banheiro, porque eu falava só minha língua”, relembra.

Para ela, a nova etapa no Brasil foi muito acolhedora. “Foi diferente. Todo mundo me ajudou, teve até quem me ajudou no aluguel, para fazer lanche. Me compraram bastante comida todos os meses até eu conseguir um emprego”, relata, acrescentando que o povo brasileiro é “maravilhoso” e foram “como anjos”.

“Esse mesmo povo brasileiro, você sabe o que fizeram para mim? Entraram em contato com uma empresa e essa empresa pagou passagem para mim e para mais quatro haitianos. A empresa deu casa para nós. A gente ficou um ano lá trabalhando”, conta Nádia, sobre sua ida ao Rio Grande do Sul para trabalhar



na indústria.

Com expressão de sofrimento, relembra que, em uma época, trabalhou dentro de um frigorífico de aves em Caxias do Sul. As mãos e os pés, segundo ela, ficavam com gelados pelo frio dentro do lugar. Assim, quando Nádia engravidou, acabou saindo da empresa. O primeiro filho do casal de haitianos nasceu em solo gaúcho, mas ficou lá por pouco tempo. Os três deixaram a Serra Gaúcha em busca de novas oportunidades, passaram, então, alguns anos em Goiânia e, desde 2022, estão em Brasília.

Formada em pedagogia no Haiti, Nádia nunca trabalhou na área no Brasil. E, na verdade, indica preferir ser comerciante. Todos os dias, faça chuva ou faça sol, a haitiana sai de casa por

volta das 4h para vender roupas e calçados como ambulante.

No entanto, a haitiana sentia que precisava melhorar as habilidades para aumentar as vendas. Foi então que ela se inscreveu no curso de Atendimento e Vendas, do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), que faz parte do projeto Empoderando Refugiadas.

“Quando a gente está em um país estrangeiro, tem que se esforçar. Porque você tem que pagar aluguel, comprar comida, se cuidar. Você tem que ter dinheiro na mão, não dá para ficar parado esperando”, conta a estrangeira.

Mesmo com dificuldade, a esperança é sempre um imperativo em sua vida. “Uma pessoa migrante no Brasil é uma pessoa que deixa tudo para trás. Deixamos o nosso país, a nossa família, deixamos tudo para buscar uma vida melhor, mesmo que a gente saiba que vai passar muitas dificuldades. Mas, eu sei, graças a Deus, a gente vai conseguir. Pouco a pouco a gente vai chegar onde queremos chegar”, conclui a haitiana.

Jennifer Vanegas, 44 anos, venezuelana

Jennifer Vanegas é sempre alegre e não comenta muito sobre a sua saída da Venezuela, em 2016. Porém, se emociona ao lembrar da mãe, que ainda vive no país. “Uma pessoa que trabalhou a vida toda, uma senhora de 67 anos, chegar ao ponto de ter que esperar a hora que vão colocar água para ela... a água!”, conta.

Ela também lamenta ter perdido o crescimento de seu sobrinho. “Sempre há coisas que te partem a alma porque não estás com a tua família. Você deixou de ver o teu sobrinho crescer, que agora tem seis anos, ver ele começar a falar... E você não vai ver porque já foi. Já passou o tempo. Para trás não se pode voltar”, reflete.

À época em que Jennifer deixou a Venezuela, o país enfrentava graves problemas econômicos e humanitários devido à hiperinflação, o desemprego, aumento da pobreza e da fome. Ao lado da esposa, foi para Buenos Aires, na Argentina. Lá, tentaram empreender.

“No meu país eu era vendedora. Comprava e vendia carros. Depois, tive dois empreendimentos,

um de saladas gourmet e outro de internet. Quando fui para Buenos Aires, também tivemos dois empreendimentos: de cones de batata e de cachorro quente. Mas, bom, pela questão da economia, sempre foi fraco. A pandemia também afetou”, relembra Jennifer.

Durante o período em que a venezuelana estava na Argentina, entre 2016 e 2022, ela sentiu os efeitos da crise econômica que assola o país há décadas. A pandemia da Covid-19 exacerbou o cenário, que já apresentava altos níveis de inflação, alta dívida externa e dificuldade no acesso a financiamento internacional.

Assim, no início de 2023, o Brasil tornou-se o novo destino das migrantes e refugiadas. “Tinha oito meses de chegada. Não tem sido fácil, tem sido bastante



complicado o idioma, os novos costumes. Por mais que nós moramos sete anos na Argentina, sempre as percepções que a gente tem, quando chega, são outras. Sobre tudo falar”, comenta.

A chegada ao país foi como uma página em branco para escrever um novo capítulo muito especial de suas vidas. Ser um casal de mulheres foi um dos motivos que impulsionou o deslocamento internacional de Jennifer e a esposa.

“Ser gay é muito complicado. Sempre tem um momento que te maltratam, te rotulam. A Venezuela é fechadíssima com a questão da homossexualidade, machista 100%. Já na Argentina a questão é um pouco mais aberta. Porém, sempre você vai ser diferente. Aqui no Brasil tem sido um pouco melhor. Eu não

sabia que aqui há tantas questões com as pessoas LGBTQTS, eu sequer tinha ideia do que era possível alcançar sem ter medo de dizer que você é gay”, comenta Jennifer.

Como exemplo de tratamento igualitário, ela cita a participação no curso de Atendimento e Vendas, do Senac. A certeza de Jennifer é de que quer trabalhar com vendas.

“Se você não tem estabilidade econômica, não tem nada. Aqui as pessoas te ajudam, te apoiam, te acompanham, prestam atenção em ti, antes eu não tinha isso, nem sequer no meu país”, relata Jennifer, que recebe o auxílio do Bolsa Família, já que desde que chegou não conseguiu um emprego formal.

A prioridade agora é conseguir um emprego fixo. Jennifer quer trabalhar com vendas. “Minha vó dizia que eu vendia areia no deserto”, comenta rindo. Para ela, as ferramentas que aprendeu no curso serão essenciais para novos empreendimentos no futuro — como abrir um restaurante de arepas (comida típica venezuelana) ou retomar os cones de batata.



Basicamente, (saí) pela ditadura que há no meu país. Está tudo mal. Não há comida, ou seja, nada. E tudo que tem é extremamente caro”

Jennifer Vanegas, venezuelana